



Dr. MICHEL BREGOLIN

OBSERVATÓRIOS DE TURISMO E INTELIGÊNCIA TERRITORIAL

Tourism Observatories and Territorial Intelligence

JASMINE PEREIRA VIEIRA¹, GUSTAVO TOIGO², FELIPE GREMELMAIER³ & MICHEL BREGOLIN⁴

DOI 10.18226/21789061.v13i2021p19

RESUMO

O texto traz entrevista realizada com o Professor Dr. Michel Bregolin, membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul [Brasil]. O objetivo é o de [re]conhecer a trajetória acadêmica e profissional do entrevistado, seus objetos de estudo atuais e concepções sobre Turismo e Hospitalidade. Destacam-se as contribuições que incorporou à sua atuação advindas de experiências internacionais obtidas durante bolsa sanduiche no Doutorado em Administração. O professor pesquisador tem como foco de estudos os Observatórios de Turismo e a Inteligência Territorial como estratégia para o aprimoramento da gestão de destinos turísticos.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Hospitalidade; Observatório de Turismo; Inteligência Territorial.

¹ **Jasmine Pereira Vieira** - Mestra em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5401942521008700> E-mail: jasmine.pvieira@gmail.com

² **Gustavo Luis Toigo** – Mestre em Turismo e Hospitalidade, pela Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5650911381724970> E-mail: gustavoltoigo@gmail.com

³ **Felipe Gremelmaier** - Mestre em Turismo e Hospitalidade, pela Universidade de Caxias do Sul. Vereador, Câmara Municipal, Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4283936022459191> E-mail: fgremelmaier@hotmail.com

⁴ **Michel Bregolin** – Doutor. Professor no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9175954108641268> E-mail: mbregolin@ucs.br

ABSTRACT

The text brings an interview with Professor Dr. Michel Bregolin, faculty member of the Graduate Program in Tourism and Hospitality of the University of Caxias do Sul [Brazil]. In this text, it is possible to recognize his academic and professional trajectory, his current objects of study and conceptions about Tourism and Hospitality. We highlight the contributions he incorporated to his performance from international experiences obtained during his Doctorate in Administration. His studies focus on Tourism Observatories and Territorial Intelligence as a strategy to improve the management of tourist destinations.

KEYWORDS

Tourism; Hospitality; Tourism Observatory; Territorial Intelligence.

INTRODUÇÃO

A entrevista com o Dr. Michel Bregolin contempla a programação de um circuito de entrevistas proposto aos professores do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, em alusão aos vinte anos deste Programa. Teve como objetivo apresentar a trajetória acadêmica e profissional do entrevistado, buscando aprofundar o conhecimento sobre seus posicionamentos e sua pesquisa atual.

O entrevistado, professor Dr. Michel Bregolin, é bacharel em Turismo e especialista em Gestão e Desenvolvimento Sustentável, ambos pela Universidade de Caxias do Sul, realizados no Campus Universitário da Região das Hortênsias. É mestre em Turismo pelo PPGTURH, em uma de suas primeiras turmas. É doutor em Administração, pelo programa interinstitucional em parceria da Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul com a Universidade de Caxias do Sul. Durante o mestrado, participou de intercâmbio no Mestrado em Gestão e Planejamento Ambiental na Universidade do Chile e, no doutorado, realizou estágio-sanduíche na Université Grenoble Alpes, na França. Seu currículo ainda inclui Especialização em Gestão Universitária, pela UCS.

Atualmente é professor permanente no PPGTURH e professor dos cursos de graduação da Área de Hospitalidade e Turismo da UCS, onde até 2021 desempenhou a função de coordenador do Curso de Bacharelado em Turismo; suas atividades acadêmicas ainda incluem a coordenação do Núcleo de Inovação e Desenvolvimento em Observação, Desenvolvimento e Inteligência Turística e Territorial [NID-ODITT]. Além disso, integrou a equipe vencedora do desafio Inov24hs

do Les Doctoriales 2015, assim como foi Membro das Comissões Assessoras da Área de Turismo dos ENADE 2015 e 2018. Atua ainda como articulador da Rede Internacional de Turismo Científico no Brasil.

A seguir, apresenta-se a entrevista realizada com o professor Michel Bregolin e conduzida por três alunos do mestrado do PPGTURH.

ENTREVISTA

Jasmine Pereira Vieira, Gustavo Luis Toigo e Felipe João Gremelmaier [JPV, GLT, FJG]: O que o senhor destacaria no seu processo formativo, trajetória acadêmica e profissional?

Michel Bregolin [MB]: Bom, eu vou inverter a ordem de algumas respostas aqui porque eu acho que é melhor conta-las numa perspectiva histórica, para explicar porque que cheguei em Canela, porque que cheguei na UCS, e porquê que estou ainda aqui neste momento. Em relação a isso, a opção por cursar Turismo decorre de uma situação pregressa: enquanto criança, com a minha família, a gente ia acampar em alguns lugares e por isso, desde cedo comecei a gostar da vida ao ar livre. Disso evoluiu para o ingresso no Movimento Escoteiro, no qual fiquei dos dez aos vinte anos. Lá pelas tantas, por meio de uma atividade do Movimento Escoteiro, tive contato com a escalada, que incorporo como prática esportiva a partir dos quatorze anos.

Como adolescente, saindo do Ensino Médio, a gente não para pra pensar muito sobre a situação da profissão; a gente busca um tipo de formação ou profissão com sonhos ou aspirações que se tem na época. Dentro dessa dinâmica, pra mim fazia sentido poder ter um contato maior com a vida ao ar livre, com as coisas que eu gostava. Assim, o Curso de Turismo apareceu como uma possibilidade. Inicialmente eu imaginava fazer o Curso de Turismo para poder montar uma operadora de turismo de aventura [ideia que foi abandonada]. Também avaliei as opções disponíveis na época - estou falando de 1997 - para poder cursar Turismo e, naquele momento, eram poucos os cursos no Estado. Eram basicamente quatro cursos de Turismo, e optei desde o primeiro momento por Canela, pois era onde eu me via estudando, já que correspondia a essa expectativa de contato com a vida ao ar livre, por causa dos parques que existem lá. Fiz o vestibular em Canela, passei super bem e ingressei no curso.

Bom, dentro da trajetória no curso comecei a conhecer melhor a área do Turismo e a ter outra percepção em relação a minha escolha para trabalhar com uma potencial operadora de turismo de aventura. Comecei a identificar que uma coisa era o que eu gostava de fazer no meu lazer e,

outra, o trabalhar com isso todo dia. Avaliei que, se eu desse sequência a isso, talvez estivesse comprometendo algo que é muito caro pra mim, o meu tempo livre, com uma atividade que se tornaria cotidiana e com outra característica, pois exige responsabilidades e implicações inclusive de cuidado e segurança de outras pessoas. Em paralelo a isso, outra situação que emergiu foi a área de planejamento, com foco voltado para o planejamento de destinos, pois o retorno dos professores de diferentes disciplinas indicava que eu tinha perfil nesse sentido.

Avançando um pouco, concluí o Bacharelado em Turismo em janeiro de 2000. No mesmo ano abrimos uma empresa de consultoria, eu e mais dois colegas. Começamos a trabalhar e tive aí um aprendizado importante, que incorporei na trajetória profissional, que é a questão de que tu precisas desenvolver outras competências além das acadêmicas. Na empresa de consultoria trabalhávamos com cursos mais aplicados a áreas carentes e com o objetivo de desenvolver serviços aos municípios. Na mesma época, a gente tinha um contexto também de incentivo decorrente da deliberação normativa 390/1998 do Governo Federal, que de certa maneira cobrava dos municípios o parecer de um bacharel em Turismo, na submissão de projetos. Como a grande maioria dos municípios não tinha esse profissional, comecei a fazer contato com prefeituras da região colocando essa situação e me apresentando para fazer esses trabalhos, visando cumprir essa normativa para a busca de recursos.

Disso, fiz trabalhos na região. Destaco o trabalho que em Veranópolis, tratada como Terra da Longevidade. A partir da pesquisa desenvolvida pela consultoria, a gente conseguiu identificar como a população jovem se enxergava nesse processo e como essa percepção, de uma certa maneira, não gerava o engajamento deles. Isso foi bem importante porque passamos a ter outro direcionamento em relação à atuação do município. Se buscou trabalhar a perspectiva de que o município tem essa imagem de longevidade, mas que isso era consequência de uma qualidade de vida, presente no município a partir de diferentes aspectos que a própria comunidade, às vezes não se dá conta. Então, o foco foi dizer que ali há pessoas com maior faixa etária em decorrência da qualidade de vida, mostrando isso para que houvesse o engajamento do jovem. Coloco essa situação porque acho que ela representa a importância da pesquisa na atuação profissional.

Uma outra questão que eu posso destacar desse período é que a gente colocou essa empresa quando eu tinha vinte anos, era bem jovem, e a partir disso comecei a compreender também que eu precisava desenvolver outras competências, eu precisava trabalhar outras questões para

entender negociação, ou qual a leitura que as pessoas fazem das situações, compreender que elas tomam as decisões baseadas em contextos diferentes. E aí tudo começou a ter uma outra configuração. Com essa empresa, nós recebemos destaque pelo Jornal Zero Hora, justamente pela questão do empreendedorismo e por se tratar de uma proposta diferenciada de consultoria. A partir disso, meus colegas também entenderam que é possível atuar na área do turismo em atividades diferentes das mais clássicas, como agenciamento e hotelaria. Com a empresa, também atuei credenciado ao Sebrae, num momento em que havia um volume de recursos bastante forte sendo aplicados aqui na região em desenvolvimento de projetos no meio rural, mas com uma perspectiva, pra mim, muito industrial e que não fechava com uma lógica de serviço e principalmente, com uma lógica de que não ia ter mercado consumidor pra toda essa oferta que se estava fomentando.

Era um período em que se criaram muitos novos negócios no meio rural da Região Uva e Vinho, entre 1999 e 2000, e isso oferecia riscos. Então, optei por me descredenciar da entidade. Posteriormente, houve a dissolução da empresa, e tudo isso serviu de aprendizado. Tive a oportunidade de trabalhar em diferentes municípios de outras regiões do Estado e desenvolvi um trabalho interessante entre 2001 e 2004, em Carlos Barbosa. Em paralelo busquei continuar minha formação, fui fazer um curso de Gestão e Desenvolvimento Sustentável do Turismo lá em Canela. Na época, o Mestrado havia sido recém implementado em Caxias e nesse curso a gente teve vários professores que compuseram o primeiro corpo docente do curso. Com isso eu tive acesso a conteúdos que eu fui incorporando. Como eu tinha essa especialização e já tinha uma certa bagagem, apesar de ser bastante jovem, surgiu um convite para começar a dar aula junto ao Centro de Ensino Superior em Farroupilha, onde havia o curso de Bacharelado em Turismo.

[JPV, GLT, FJG]: Em que ano isso?

[MB]: Eu comecei dia 3 de março de 2003. Aí começou a questão da docência. A pós eu fiz de forma intensiva. Comecei em 2002 e fui orientado pela professora Margarita Barretto. Trabalhei a questão do Turismo Sustentável em áreas naturais da Serra Gaúcha. Disso e por causa da sinalização dos professores de que eu tinha perfil compatível com o mestrado, acabei prestando a seleção, ingressei no Programa e fiz o Mestrado entre 2003 e 2004. Nesse período acabei trabalhando principalmente com a professora Maria Beatriz Medeiros Kother que trabalhava a questão do patrimônio construído e havia feito seu doutorado em Barcelona, na área da Arquitetura. Com isso comecei a incorporar um pouco mais essa questão do território na minha

abordagem, enquanto continuava trabalhando em Carlos Barbosa e desenvolvendo alguns trabalhos envolvendo restauros pela Prefeitura via Lei de Incentivo à Cultura.

Comecei, então, a ter uma perspectiva de incorporar essa questão do patrimônio do meio rural para o desenvolvimento do turismo e ter o turismo como um complemento ou uma possibilidade diferenciada de conservação desse patrimônio. O que que acabou acontecendo em relação à minha dissertação de mestrado, era que eu entendia que a gente estava muito baseado em algumas situações ou em modelos, cuja história não tinha, necessariamente, acontecido daquela maneira. Para mim era importante recordar um pouco isso.

Bento Gonçalves já tinha uma trajetória um pouco mais consolidada a partir da década de 1990, com os roteiros rurais, mas com uma trajetória desde a década de 1980, no Vale dos Vinhedos, quando a crise do preço da uva gerou, de certa maneira, o que é o Vale dos Vinhedos. Não foi algo tão planejado quanto se falava. Algumas coisas aconteceram e deram certo, porém pouco se fala das que deram errado. Por isso eu fui fazer um estudo sobre as condições para que Bento Gonçalves tivesse uma gestão do turismo que incorporasse a questão da sustentabilidade. E trabalhei principalmente com as condições legais do município para isso, porque, pra mim, não adianta ter uma série de empreendedores implementando produtos turísticos sem ter a gestão pública fazendo o ordenamento disso no território, com Planos Diretores que incorporem principalmente uma visão preventiva aos problemas do meio rural.

A ausência desses Planos, na época, era uma questão até simples de entender, pela maior quantidade talvez de problemas a serem resolvidos na área urbana em função da quantidade de pessoas. Ou seja, pelo próprio problema gerado pela questão de tu teres muitas pessoas num espaço restrito. Se tu pegares Caxias do Sul, com 92,5% da população na área urbana, nossa tendência é focar muito nos planos urbanos e esquecer a área rural. E isso, na minha percepção já acontecia em Bento também. A gente já tinha, em função dessa valorização, na área rural um processo que pra mim estava implicando em alguns riscos.

Por exemplo, quando se pega o Vale dos Vinhedos, a gente começou a ter a implantação de uma série de estruturas, prédios arquitetônicos que já começavam a trabalhar com outra escala e começavam a modificação visual do Vale dos Vinhedos que poderia colocar em risco a própria questão da imagem e da concepção que o visitante tinha quando buscava o Vale dos Vinhedos. A minha ideia era buscar identificar como esses problemas eram tratados preventivamente, pois se falava que Bento era um modelo. Isso implicou uma revisão da legislação e em um estudo

desde a Lei Orgânica até o Plano Diretor e outros planos que eles tinham. Consegui efetivamente comprovar a situação de que na verdade se falava de turismo, mas o turismo aparecia talvez três vezes na Lei Orgânica, que simplesmente rebatia os mesmos artigos da Constituição Federal, *ipsis litteris*, e que, fora isso aí, fazia menção a um certo elemento turístico no entorno da Maria Fumaça, cujo planejamento nunca havia ocorrido até aquele momento.

Bom, dito isso, o que acabou acontecendo, ainda antes de eu concluir o mestrado, foi que surgiu uma outra oportunidade, a de apresentar candidatura para uma bolsa na área de planejamento territorial junto à Universidade do Chile, dentro do Programa Alfa da União Europeia. Como entendia que isso era importante para mim, acabei apresentando a candidatura. Fui selecionado e com isso tive uma *passantía*, como eles chamam lá no Chile, de dois meses. Nesse período trabalhei com eles numa pesquisa no Vale do Maule, onde se analisou os encadeamentos produtivos da região vitivinícola. Essa região está ao sul de Santiago, na região de Talca, onde a gente fez a pesquisa envolvendo Talca, San Javier e Cauquenes, três municípios que naquela época tinham perfis diferentes de vitivinicultura e, portanto, de relações com o turismo. Foi uma experiência bastante interessante porque tive uma outra perspectiva de formação de pesquisa, uma abordagem diferente, entendi como os chilenos trabalhavam influenciados por modelos americanos. Isso me fez também repensar muitas coisas da nossa região, a própria questão sobre se a gente tem enoturismo ou não na região. Ou se o que se tem na região associado ao vinho, quais são as características do nosso território e como é que elas, de uma certa maneira configuram um impacto social e econômico.

Na época, o grande aprendizado por lá foi incorporar essa visão territorial. Trabalhei com pessoas da Geografia, tinha colegas no laboratório fazendo pesquisas na Antártida, por exemplo. Então, tu tens outra visão ao incorporar isso, de como tu lês o território e a partir do entendimento dele e das relações com a comunidade, como é que posicionas o turismo com uma estratégia de desenvolvimento. Não prioritária, mas que ela seja complementar, que ela integre mais atividades. A partir da experiência no Chile comecei a me constituir diferente enquanto pesquisador, mas também incorporei uma nova visão da nossa região, uma visão talvez um pouco mais crítica, talvez não muito agradável de ser escutada.

Quando retornei do Chile, minha orientadora havia saído da instituição e por isso a professora Margarita Barretto assumiu minha orientação. Apresentei a dissertação com essa questão de uma preocupação preventiva, ou seja, pensava que era necessário criar medidas preventivas

para poder ordenar esse turismo e garantir que a gente não tivesse esses problemas em Bento Gonçalves. Por uma coincidência, o que eu defendia acabou se confirmando pouco antes da defesa, pois entre a entrega do trabalho e a defesa, aconteceu, dias depois, a derrubada de uma casa histórica do centro de Bento Gonçalves, simplesmente porque ela não tinha nenhum tipo de medida protetiva. Ou seja, de uma certa maneira, o que eu estava apontando na época acabou ocorrendo.

Agora comento mais algumas coisas para preencher os buracos que ficaram no relato da minha trajetória. Eu havia trabalhado em Carlos Barbosa até 2004 e saí para ter essa experiência no Chile. Quando eu retornei havia tido uma mudança na Prefeitura em Carlos Barbosa com uma troca grande na gestão e fui convidado por ela a dar continuidade na minha atuação. Porém, naquele momento eu já havia colocado a situação de que eu estava reiniciando com a consultoria e que somente atuaria nessa condição. Agora um pouco mais maduro e com uma consultoria em que eu tomasse todas as decisões. E eu montei uma empresa de consultoria que tive por 15 anos, atuando com diversos projetos, alguns relativamente complexos.

[JPV, GLT, FJG]: Como foi a atuação como professor Coordenador do Curso de Bacharelado em Turismo?

[MB]: Fiz o concurso em 2009 para ingressar como professor na Universidade de Caxias do Sul no segundo semestre, achando que eu iria trabalhar com duas disciplinas. Perfeito! Isso é legal, vou conseguir continuar tocando a consultoria, enfim. Eis que chegou no final do ano e em um semestre, pelo meu perfil e uma série de outras conjunturas internas, eu recebi o convite para assumir a coordenação porque tinha essas habilidades gerenciais que convergiam com o que a Universidade queria na época. Então, em 2010 assumi a Coordenação. Na época a gente tinha o curso de Turismo em Canela e em Bento Gonçalves, com situações diferentes, e ingressei e acabei fazendo a gestão de diferentes cursos da Universidade, sempre na área da Hospitalidade. Em 2011 fiz um estudo e a partir dele a proposição de que a Universidade deslocasse as ofertas dos cursos, antes concentradas em Canela e Bento, para Caxias do Sul, para ajustar-se às novas realidades, inclusive em relação a presença do Programa de Pós-Graduação, que funcionava desde 2001 no Campus Central. A separação geográfica levava a dificuldade, por exemplo, para encontrar bolsistas para a iniciação científica. Começamos um processo de encerramento dos cursos de Turismo em Canela e em Bento e implantamos o curso de Turismo em Caxias em 2012.

Houve, também, a criação dos tecnólogos em Eventos e em Gastronomia e a revitalização do curso de Hotelaria.

Dentre as proposições para aprimoramento do curso de Turismo destaco a incorporação das Viagens de Estudos no currículo, porque é importante ter o foco das viagens associadas a situações mínimas que se entende que devem ser cumpridas por um Bacharel em Turismo formado no Rio Grande do Sul. É no mínimo ter a visão, por exemplo, de todo esse polo de serviços e da questão da mobilidade, passando por Porto Alegre, como centro articulador do Estado frente a demanda nacional e internacional.

A questão de trabalharmos o componente ambiental nas nossas Unidades de Conservação Federais, aqui na região, os Parques Nacionais em Cambará do Sul, as Florestas Nacionais em Canela e São Francisco de Paula. Também de trabalharmos e incorporarmos a questão cultural com o Patrimônio da Unesco que a gente tem no Estado, nas Missões Jesuíticas. Mas também dando conta de incorporar essa questão de ter uma leitura a partir de uma perspectiva que incorpore a questão do indígena, situação que a gente não trabalha tanto aqui na Serra. A própria questão da relação com a fronteira Uruguai Argentina, essa relação com outros idiomas, outras culturas e que levam a Viagens de Estudos IV ser internacional. Destaco isso como diferencial porque o processo metodológico que a gente implantou nessas disciplinas de Viagens de Estudos e que faz articulação desde o segundo semestre do curso, provoca o aluno a pensar a partir de uma perspectiva de articulação de conhecimentos, antes inclusive dele fazer o estágio, que envolve observação de campo, e de fazer o TCC I, que é um projeto de pesquisa e fazer o TCC II no qual ele aplica a pesquisa e apresenta seus resultados, sendo o trabalho final já uma boa base para um projeto de mestrado.

Essa metodologia deu um resultado fantástico porque possibilitou aos nossos alunos dar um grande salto no sentido de olharem para as coisas de uma forma mais ampla, mais sistêmica, uma forma mais articulada. Inclusive permitiu a eles objetivarem e reconhecerem o que estavam aprendendo na Universidade. Em relação a isso, então, a metodologia tem funcionado como uma espécie de 'controle de qualidade' de quem tá saindo daqui, embora não goste desse termo. E realmente, o que me deixa muito contente, é que estamos formando gente muito qualificada. A gente percebe essa evolução dos alunos e tudo que temos conseguido nos últimos anos tem a ver com isso. Eu destaco, por exemplo, duas situações com relação ao curso: a gente tem um índice de mobilidade acadêmica internacional relativamente alto dentro da UCS, mesmo

com as limitações dos nossos alunos para poderem sair e viajar. A gente teve um reconhecimento do curso com a Comissão do MEC que veio fazer a avaliação com nota máxima, a gente gabaritou toda a dimensão pedagógica, toda a dimensão corpo docente, nosso relatório dá conta disso, nós tiramos cinco em tudo.

Nós participamos de duas avaliações do Guia do Estudante e tivemos nota cinco nas duas. Tivemos agora a primeira avaliação do Guia do Estadão, e fomos o único curso reconhecido como cinco estrelas do País, entre 169 cursos avaliados; tivemos também o primeiro ENADE da turma de Caxias do Sul que de uma certa maneira é a evolução desse projeto institucional a qual teve um excelente resultado e por pouco não ficou com nota máxima. Então, isso significa que quando a gente olha para o Ensino Superior no Brasil, é que a gente tem uma diferença entre o nosso aluno e o aluno selecionado numa federal em uma peneira bastante grande e que muitas vezes favorece pessoas que tiveram oportunidade de fazer cursinho e que se dedicarão exclusivamente ao estudo com apoio financeiro da família. É diferente do nosso aluno, que é um aluno que trabalha durante o dia e estuda à noite.

Num plano geral, acho que temos algumas questões importantes que dizem respeito, por exemplo, ao futuro dos cursos de Turismo no País e de como eles vão se relacionar com a Pós-Graduação. Então, voltando a essa questão da avaliação do ensino superior em Turismo, tanto por critérios relacionados à gestão acadêmica, governamental, aqui falando de critérios de avaliação de curso, a própria questão do ENADE e até de outros critérios que envolvem os rankings da Folha e do Estadão, eu destaco que o que talvez nos deu um diferencial seja a questão de que a gente tem buscado sempre ter um equilíbrio entre uma formação acadêmica, titulação acadêmica, resposta às demandas locais e regionais e uma relação com a sociedade e com o mercado.

Destaco como situações diferenciadas a criação da Escola de Viagens e a Escola de Eventos, que são processos que ainda precisam ser um pouco mais intensificados, mas que começam a dar uma outra dinâmica de articulação, já possibilitaram a gente trazer profissionais de mercado para trazerem conteúdos aos nossos alunos, mas também oportunizaram algumas possibilidades de inserção dos nossos alunos no mercado de uma forma diferente. São algumas questões que eu acho que diferenciam um pouco nosso curso em nível de Brasil.

Em relação ao Ensino Superior em Turismo, cabe destacar que estamos num processo de transição. O que significa isso: a gente está passando por um momento de consolidação da área,

a gente chegou a ter mais de 800 cursos, entre Turismo e Hotelaria, no Brasil. Muitos cursos foram autorizados, eu diria, sem padrões adequados. No entanto, temos ainda muito o que evoluir enquanto academia. Digo isso de uma forma geral, a nível Brasil, e isso tem a ver com as minhas experiências em outros países e a forma como aprendi um pouco pesquisando em outros países. Mas eu acho que a gente precisa ter uma postura mais proativa em relação à integração com outros atores. A gente precisa ter uma maior integração com o mercado e com os governos e a gente precisa tomar medidas concretas. Acaba sendo uma questão de que a gente efetivamente deixe claro para a sociedade qual o nosso papel enquanto turismólogos, qual a nossa capacidade de contribuir, essa visão multidisciplinar focada em turismo gerando resultados seja para os negócios turísticos, seja para as comunidades que estarão trabalhando com o turismo.

[JPV, GLT, FJG]: Diante do contexto que apresentas, como você enxerga o PPGTURH no atual cenário de ensino superior em Turismo no Brasil?

[MB]: Pensando no que venho comentando, a gente tem algumas questões a refletir. Dentro desse cenário que a gente projeta, o PPGTURH tem um papel crucial porque temos o único Programa em Turismo do País que tem uma linha voltada para a Educação. Nós temos que fazer essa distinção. A própria representatividade dos cursos de Turismo é uma coisa que durante muito tempo foi capenga, e agora tem um movimento começando, mexendo, enfim. Mas pra mim ainda não está claro qual é a característica desse movimento. É um pouco, ainda, a relação da ABBTUR querendo trabalhar com essa imagem, mas talvez com alguns princípios ou critérios que eu entendo não muito adequados, muito com a perspectiva de achar que talvez uma regulamentação vai resolver. Acho que ela pode ser importante, mas não é somente isso. Tem gente boa trabalhando com turismo e que não é bacharel em Turismo, que se apropria do conhecimento em turismo, busca formação, enfim.

Então, entendo que o PPGTURH pode ajudar bastante nesse processo, fazendo essa discussão, mas como todo mundo, a gente precisa melhorar nossas dinâmicas de interação, tanto internas quanto externas. A gente precisa ter uma articulação interna melhor, em função do dia a dia. Estamos sempre lotados de atividades por conta das mudanças estruturais, tanto da região, quanto da Universidade, mas a gente precisa criar oportunidades de maior interação interna e de uma melhor articulação dessa interação interna com as demandas da sociedade. A gente pode contribuir com isso no plano nacional, no regional e no local. Então, estou destacando essa

questão do ensino porque dos mais de 200 mestres que a gente formou, muitos deles são coordenadores de curso, e está faltando um pouco de tempo para gente chamar a responsabilidade com relação a isso. Mas eu acho que nos próximos anos, nós não temos como não chamar essa responsabilidade de debater isso de uma forma mais efetiva e provocar algumas questões de forma a que se possa reunir o conhecimento que foi produzido aqui e levar essas perspectivas lá para fora.

[JPV, GLT, FJG]: E sobre o Núcleo de Inovação e Desenvolvimento denominado Observação, Desenvolvimento e Inteligência Turística e Territorial (NID ODITT), que você coordena?

[MB]: Bom, a perspectiva em que trabalhado no primeiro momento é de que falta articulação mais efetiva entre docentes, entre projetos de pesquisa, internível: graduação e mestrado, por exemplo o SeminTur Jr. A gente precisa melhorar a integração e planejamento, e melhorar a articulação com outros programas da casa. Há pessoas que lidam com turismo, direta e indiretamente, em vários programas e cursos de graduação, e o NID ODITT vem pra dar conta disso, buscar essa articulação de uma maneira mais efetiva.

De que forma? Primeiro, criando uma ponte com outros programas. Hoje, nós temos no Núcleo um grupo de professores que talvez envolvam seis ou sete mestrados e doutorados da instituição. A gente tem ali a questão de já estarmos adequando o NID como uma unidade de negócio, já estamos captando uma série de demandas da comunidade para desenvolvimento de projetos com foco aplicado na gestão do turismo. Também temos trabalhado uma articulação com instituições internacionais. Em 2018 criamos a Rede Internacional de Turismo Científico, na França, sendo a UCS uma das cinco instituições fundadoras, juntamente com duas instituições do Chile, uma da França e uma do Canadá, o que possibilitou fechar novos convênios. Já fizemos várias atividades e reuniões, o que tem oportunizado, em um cenário de restrição de financiamento público, CAPES e CNPq, algumas soluções no sentido de captação de recursos.

[JPV, GLT, FJG]: O doutorado sanduíche na França contribuiu para isso?

[MB]: Essa questão do doutorado tem a ver com tudo que comentei sobre o NID ODITT. Primeiro, porque a temática envolve os observatórios de turismo e a inteligência territorial, campos nos quais a França é referência. Foi ali que o primeiro Observatório de Turismo do mundo foi criado em 1984 e é ali que estão os pesquisadores mais relevantes em relação a isso. A minha ida para lá foi no sentido de me apropriar desses conceitos e metodologias, entender

o contexto em que elas são criadas para, a partir disso, refletir quais são as nossas possibilidades por aqui.

Já conseguimos avançar para questões institucionais. Um exemplo foi que, no SeminTur de 2017, logo que voltei da França, a gente já conseguiu incorporar o termo Inteligência Territorial e trazer o professor Pascal Mao, da Université Grenoble Alpes, e o pessoal do CIEP do Chile para trabalhar a questão do Turismo Científico. Então, a gente começou desde aquele momento articulando isso e não foi somente uma questão de fazer um projeto, ou de ter uma visão particular de: *o que eu estou buscando para fazer no doutorado?* Não. Foi: *Como é que eu posso fazer meu doutorado e ao mesmo tempo trazer perspectivas novas para a instituição e para a região?*

Se olharmos para o meu maior potencial de contribuição no Programa, dentro do que está apontando os novos indicadores, que convergem para uma leitura que eu já tinha feito antes e que sinalizam para a inserção social e a internacionalização, já me voltei pra isso faz um bom tempo. Quando fui pra França fazer o sanduiche, tinha definido como meta que faria uma pesquisa realmente internacional. E fiz a pesquisa em cinco países da Europa: França, Itália, Portugal, Espanha e Suíça. E isso me deu uma outra visão, não somente da questão de como o turismo acontece nos diferentes destinos, quanto também de como é que se dão essas relações academia, mercado e governo em diferentes países. A partir disso, refletindo sobre nossas possibilidades aqui, ou seja, o que posso incorporar e adaptar a nossa realidade das diferentes metodologias que conheci.

Além disso, eu trabalhei com mais cinco países latino-americanos: Argentina, Colômbia, México, Brasil e Honduras. Com isso consegui fazer um estudo que me deixou satisfeito no sentido da abrangência, porque trabalhei com mais de 260 observatórios que localizei. A própria rede da OMT tem 26 ou 27 observatórios. Isso é um exemplo dessa meta que eu tinha colocado e do resultado que eu obtive com a pesquisa, além de todo esse aprendizado cultural e de entender esses contextos de relação com a academia, tanto em nível de Europa e América Latina, que são os contextos mais fortes dos observatórios.

Uma situação que me deixou contente enquanto pesquisador foi que, nem tinha entregue a tese e já estava recebendo convite do Observatório de Turismo do Estado de Guanajuato, um dos três observatórios apontados como referência pela Organização Mundial do Turismo, para ir até lá apresentar a pesquisa, simplesmente em um evento que é um dos principais eventos de

observatórios de turismo do mundo! Foi lá que eu comecei a me dar conta do impacto da minha pesquisa. Lá eu tive noção do acerto que eu fiz em relação ao tema. Foi somente ao final do evento que eu fui me dar conta de fazer essa leitura de que na programação havia vários estudos de caso que falavam de um observatório específico, mas ninguém tinha feito uma pesquisa internacional sobre observatórios e criado um modelo para analisar os observatórios, como eu havia feito.

Uma outra questão que eu somente descobri depois, por ocasião da banca, é que possivelmente minha tese foi a primeira no Brasil a aplicar a abordagem do Sistema de Capitais proposta pelo Prof. Javier Carillo. Aí tem uma questão de trazer uma outra abordagem, que acho que fecha muito com o turismo e que vai ficar mais clara quando eu comentar sobre minha concepção de turismo, que é a questão de como se trabalha com aspectos materiais e imateriais para gerar desenvolvimento a partir do turismo. Então só para colocar isso, já que tem aberto uma perspectiva diferente, o NID ODITT na verdade vem também aproveitar muito dessas portas que abri lá fora, com contatos em muitas instituições.

A ideia é que a gente possa ir criando um processo de quem sabe no futuro termos aqui um observatório de turismo da Serra Gaúcha afiliado à Organização Mundial do Turismo. Isso pode ser um diferencial, que é um observatório vinculado à pesquisa acadêmica de forma mais efetiva. Até porque hoje, das 10 áreas de monitoramento propostas pela OMT para a questão dos observatórios, nós já temos as pesquisas em todas as áreas aqui dentro. Então, tá faltando somente essa articulação, que é o que se pretendeu fazer desde a implantação do NID, que foi aprovado no fim de 2018.

Ainda nessa linha, a Observação e Inteligência Territorial é uma área que ainda não teve apropriação no Brasil, mas que nós temos toda condição de apropriação disso enquanto Universidade. Temos pessoas aqui que trabalham com temas próximos, pessoas que conhecem isso a partir de uma perspectiva francófona. Já estamos nos posicionando nessa área em nível de Brasil e destaco o Fórum Gramado de Estudos Turísticos em que, desde 2019, conseguimos trabalhar um painel específico sobre Observatórios de Turismo como instrumento de informação e desenvolvimento sustentável do turismo. É uma temática que vamos trabalhar mais, até porque hoje existe uma meta no Ministério do Turismo de implantação de uma Rede de Observatórios do Turismo e para isso temos esse conhecimento efetivo. Essa validação desse nosso conhecimento não é somente pela aproximação dos parceiros, mas também por uma

situação de validação externa. Enfim, o que quero destacar é que já temos reconhecimento no México, no Chile e no Brasil. E onde podemos nos posicionar melhor ainda? Internamente. Nossa informação não circula internamente, nós precisamos tornar ela mais efetiva internamente, pois assim como a área de Educação é um grande diferencial que a gente tem no PPGTURH, entendo que o NID ODITT tem esse diferencial e não é porque é a área que eu pesquiso, é a área que as minhas análises me levaram a pesquisar, o que é um pouco diferente.

De forma simples, o que eu quero dizer é que precisamos melhorar nossa interação, nossa integração. É necessário entender que é natural que haja interesses e que esses interesses precisam ser conciliados para que nós tenhamos uma relação de ganha-ganha, ou seja, todo mundo ganha, o aluno, o professor, o pesquisador, a instituição e a comunidade. É possível fazer isso. A limitação para isso é simplesmente uma limitação de cabeça, de esquema mental, de forma de fazer.

[JPV, GLT, FJG]: Voltando um pouquinho, como foi seu ingresso no PPGTURH?

[MB]: Desde que estou aqui a gente sempre buscou uma interação com o Programa, desde tentar criar uma programação do curso que possibilitasse que os professores do *strictu* pudessem ministrar aulas para os alunos da graduação. Ou seja, tendo doutores dando aula para a graduação, até a divulgação de bolsas de Iniciação Científica para os alunos de graduação, e uma série de outras ações. Mesmo não estando no PPGTURH, muitas coisas quando envolviam uma relação com o mercado, acabaram sendo passadas do Programa para mim, para eu fazer essa interlocução representando o PPGTURH. Então sempre tive uma facilidade bastante grande com o Programa. Em função da minha pesquisa e de tudo que já vinha fazendo e de toda bagagem que trago. Quando surgiu o processo de credenciamento já tinha o título de doutor, e fui credenciado, com a integração efetiva em 2019. No ano anterior já tinha oferecido um seminário avançado sobre observatórios, atendendo a alunos do PPGTURH e do PPGA.

[JPV, GLT, FJG]: Qual a sua pesquisa atual?

[MB]: Estou trabalhando essa questão de Observação, Desenvolvimento e Inteligência Turística e Territorial. De uma certa maneira, é uma pesquisa núcleo para o NID ODITT, apesar de ela se articular com outras que têm afinidade com essa temática. Dentro dessa linha, com a formalização desse projeto de pesquisa em 2019, estou bem contente porque já tem bolsistas voluntários aparecendo de forma natural. Os bolsistas que estão atuando comigo, os vejo já

mudando a cabeça. Então, a gente está conseguindo trabalhar essa questão da observação desde a graduação, talvez desde o terceiro semestre. Na hora que fechar esse ciclo, quando os alunos avançarem e ingressem no Mestrado, a gente começará também a ter mais alunos no mestrado, a ofertar mais disciplinas.

Estou trabalhando com a disciplina de Gestão de Destinos Turísticos I - Conhecimento e Governança como seminário avançado e que já traz um pouco dessa perspectiva de ter mais professores trabalhando de forma articulada, neste caso as professoras Ana Fachinelli e Marlei Mecca. Já tem umas outras disciplinas que a gente tem contribuído baseado nisso. Minha pesquisa atual é atuar nesse foco. Em 2019 surgiram algumas publicações, como um capítulo dessa pesquisa de observatórios na França, em um livro com professores daquele país e de outros países.

[JPV, GLT, FJG]: O que é Turismo para você?

[MB]: Eu colocaria que o turismo é uma oportunidade para o desenvolvimento de recursos materiais e simbólicos, por meio de uma provocação originada pelo olhar do outro. Acredito que o turismo é uma oportunidade que está sempre vinculada a conhecimento. E o que quero dizer com conhecimento? Pode ser simplesmente reconhecimento, ou seja, quantas coisas a gente sabe sobre, por exemplo, nossa comunidade, e que a gente somente reconhece quando vem alguém de fora que não tem relação com aquela cultura e aponta determinadas características e aí tu começa a pensar naquilo, a enxergar tua cultura de forma diferente. Aqui no Brasil a gente tem que sair dessa questão cultural, muito nossa, de levar as coisas para o lado pessoal quando encontramos pessoas com opiniões divergentes. Precisamos ser mais objetivos. Uma coisa é trabalharmos juntos e outra é gostarmos de alguém. Temos que desenvolver competência para trabalhar junto sem misturar as coisas.

[JPV, GLT, FJG]: E Hospitalidade?

[MB]: Eu acho que ela tem a ver com essa questão de entender que as pessoas são diferentes, que posso respeitá-las, dentro da compreensão delas. Eu não sei tudo, mas eu posso aprender muito com as outras pessoas desde que eu tenha humildade para poder lidar com isso. Então, acredito que se precisa, de certa maneira, trazer mais presente para o nosso cotidiano essa questão da humildade, porque muitas vezes a gente enquanto academia, no Brasil, perde essa noção da humildade por causa de vaidades. Entender que as conquistas enquanto

pesquisadores não são somente méritos meus, tem uma questão de quais foram as possibilidades que a sociedade me oportunizou, onde eu nasci e o que eu aproveitei e me dediquei. Então, não é uma questão somente minha. Hoje qual é o meu papel social sabendo que eu faço parte de um grupo que talvez seja 1% da população que é doutor hoje? Será que eu posso ter um comportamento sem enxergar nossa sociedade? Eu me questiono muito sobre isso.

Acredito que temos que entender e sermos efetivos. Em uma sociedade baseada em conhecimento, tudo está associado ao conhecimento. Tem gente que ganha dinheiro a partir de ideias que estão aqui e das tecnologias. A gente tem que se dar conta que estamos em um local que, desse ponto de vista, é o mais valioso da Serra Gaúcha por conta da quantidade e da diversidade de conhecimentos que estão dentro dessas paredes, e isso tem que ir pra rua. Ir pra rua para resolver questões simples. Eu, por exemplo, fico constrangido toda vez que vejo uma pessoa aqui em Caxias do Sul puxando um carrinho cheio de papelão, pois isso é uma contradição em um lugar que tem o polo automobilístico que a gente tem, que é um polo de conhecimento nessa área e que possui muitos engenheiros que poderiam, por exemplo, desenvolver algum tipo de bicicleta que trabalhasse com multiplicação de forças, alguma coisa super simples para qualquer engenheiro desta cidade fazer. Contudo parece que ninguém enxerga ou toma a atitude.

Por isso reflito muito sobre qual tipo de desenvolvimento estamos falando? De qual município? Qual é o dia em que a gente não sai e não veja uma pessoa na rua nessas condições? E estamos nos achando ótimos? Em resumo, o turismo faz a gente repensar isso. Não adianta falarmos em questão de desenvolvimento do turismo e a pessoa sair do restaurante maravilhoso, no qual as pessoas serviram um prato fantástico, harmonizado, uma expressão cultural, com produtos orgânicos e locais.... e sair do restaurante e dar de cara com uma pessoa catando coisa pra comer e pedindo esmola. Talvez a gente tenha que passar por alguns constrangimentos pelo turismo para repensarmos nosso papel nesse contexto. Turismo para quem?

E assim, me despindo de questões ideológicas, porque também tem que ser pragmático, porque as vezes se trata somente de discutir ideologia, as vezes é muito fácil fazer um discurso fácil de vender sem ser efetivo. O que eu estou fazendo para essas situações? Aqui eu acho que fica a questão de que nós temos que evoluir. Para mim, qualquer dissertação de mestrado, qualquer tese de doutorado tem um esforço enorme do pesquisador, um esforço enorme do orientador,

um esforço enorme do grupo de pesquisa e da instituição. O estudo tem recursos financeiros do governo, e aí a questão é a seguinte: se tem tanto esforço aí, porque que a gente não consegue ter a capacidade de fazer um release de uma página com linguagem comum, coloquial e acessível e dizer como que ela colabora com o desenvolvimento da nossa localidade ou região? Eu acho que evoluímos nisso nos últimos tempos e o sentido está correto, mas o que me preocupa é a velocidade, pois apenas estamos agindo de forma responsiva e não de forma proativa à esta sociedade que se renova cada dia.

REFERÊNCIAS SUGERIDAS

- Bregolin, M. (2003). *Turismo em áreas naturais da serra gaúcha: identificação de práticas de gestão sustentável*. Monografia, Especialização em Gestão e Desenvolvimento do Turismo Sustentável, Universidade de Caxias do Sul, Brasil.
- Bregolin, M. (2005). *Desenvolvimento turístico: análise das condições legais existentes para a gestão do turismo sustentável pelas administrações municipais: o caso de Bento Gonçalves-RS*. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Brasil.
- Bregolin, M. (2005). *Revitalização da Capela de Santo Antônio Abade do Forromeco - Manual de Educação Patrimonial*. Carlos Barbosa, RS: Proarte.
- Bregolin, M., & Rudzewicz, L. (2012). Gestão integrada para o desenvolvimento do turismo sustentável em novos territórios turísticos. In: F. Bourlon; M. Osorio; P. Mao & T. Gale. (Orgs.). *Explorando las Nuevas Fronteras del Turismo: Perspectivas de la investigación en turismo*. Coyhaique, Chile: Nire Negro.
- Bregolin, M. (2014). *Excelência, inovação, desenvolvimento, inserção social e sustentabilidade institucional: potencial de contribuição do Observatório de Turismo e Cultura*. Monografia, Especialização em Gestão Universitária, Universidade de Caxias do Sul, Brasil.
- Bregolin, M. (2018). *Inteligência territorial em turismo: aplicação do sistema de capitais para análise de observatórios de turismo da Europa e da América Latina*. Tese, Programa de Pós-Graduação em Administração em Associação Ampla - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade de Caxias do Sul, Brasil. [Link](#)
- Bregolin, M., & Fachinelli, A.C. (2019). *Les Observatoires du Tourisme comme alternative à 'adaptation des destinations touristiques à un monde en évolution*. In: F. Cholat, L. Gwiazdzinski, C. Tritz, & J. Tuppen (Org.). *Tourisme(s) et Adaptation(s)*. Grenoble, France.
- Bregolin, M., Fachinelli, A., & Mao, P. (2019). Modelo para análisis de observatorios turísticos (OT) con el Sistema de Capitales (SC). *Gestión Turística*, 31, 48-83. [Link](#)

Vieira, J. P., Toigo, G.L., Gremelmaier, F.J. & Bregolin, M. (2021). Michel Bregolin: Observatórios de Turismo e Inteligência Territorial. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, 13(ESPECIAL 20 ANOS PPGTURH-UCS), 1-19. DOI 10.18226/21789061.v13i2021p19

Carillo, F. J. (2002). Capital Systems: implications for a global knowledge agenda. *Journal of Knowledge Management*, 6(4), pp. 379-399. [Link](#)

Carillo, F. J. (2014). *Sistemas de Capitales y Mercados de Conocimiento*. Monterrey: Grupo de Sistema de Capitales y Mercados de Conocimiento.

Eberle, J. R., & Bregolin, M. (2005). *Patrimônio cultural: preservação e turismo*. Caxias do Sul, RS: Educs.